

Praxe Acadêmica/Trote Universitário e Violência

A Praxe Acadêmica (ou trote universitário-expressão brasileira) tem sido pautada por alertas noticiosos e testemunhos para a violência inerente às práticas praxísticas. Uma vez que a entrada no ensino superior se assume como um ritual de passagem, a participação na praxe está inerente ao percurso universitário, quer se fale na recepção ao caloiro, no cortejo acadêmico, ou na queima das fitas. Praxe Acadêmica refere-se ao ritual de práticas exercidas sobre os novos alunos da universidade pelos alunos que já frequentam a universidade. Caloiro é o nome/estatuto dado ao jovem que entra pela primeira vez na universidade.

O aparecimento de referência à praxe surge nos textos por volta de 1860, e desde essa data a palavra praxe reúne numa mesma unidade semântica os comportamentos característicos do universo acadêmico.

Segundo Cardina (2008) sendo uma reminiscência do tempo em que existia em Coimbra um foro acadêmico, ou seja, uma academia, o termo praxe apenas surgiu na segunda metade do século XIX, substituindo designações antigas como “investidas”, “caçoadas” e “troças”. Para definir o conceito importa regressar à sua origem, ao Código da Praxe Acadêmica de Coimbra, onde nasce o conceito. O primeiro código foi editado em 1957, as últimas atualizações datam de 1993, 2001 e 2017. No Código da Praxe Acadêmica de Coimbra de 1957 constituiu Praxe Acadêmica “o conjunto de usos e costumes tradicionalmente existentes entre os estudantes da cidade de Coimbra e os que forem decretados pelo Conselho de Veteranos”, (1957, as cited in Lamy, 1990, p.367), por este Código o Conselho de Veteranos tomava todas as decisões relacionadas com a praxe, servia de tribunal, ou seja, fixava os termos em como a praxe deveria existir. No Código da Praxe Acadêmica de Coimbra de 1993, refere que “o conjunto das tradições académicas constitui a Praxe Acadêmica, fruto de uma vivência especial e diferente, gerada e desenvolvida em Coimbra” (Código Praxe Acadêmica de Coimbra, 1993, p.7). Refere ainda um dos princípios básicos dizendo “a praxe tem de ser espírito de entreatajuda, solidariedade e camaradagem, e não servir de proteção a atos de cobardia e violência barata” (pág. 9), quanto à sua definição podemos vê-la no artigo primeiro do código que é igual ao de 1957. Importa salientar que as restantes universidades do país se basearam neste documento para implementar e recriar a Praxe Acadêmica, daí a sua importância.

Segundo Maria Eduarda Cruzeiro (1979) o termo Praxe na segunda metade do século XIX, começou a ser aplicado aos costumes académicos. Anteriormente empregavam-se outras designações, como “investidas”, estas podiam incluir a “tourada”, a “picaria”, os insultos, a “patente”, as troças, práticas consideradas pela autora como “divertimentos brutais”.

A Praxe Acadêmica estendeu-se a praticamente todas as universidades do país, e apesar de cada uma possuir as suas representações, as semelhanças são evidentes. É importante salientar que o conceito de praxe trazia já por si só uma carga de submissão e de humilhação,

e uma vez que, segundo o Código da Praxe Académica de Coimbra (1993) advoga que a Praxe existe numa tentativa de manter as tradições ao dizer “as tradições académicas são um património recebido de tantas gerações, que as adaptações exigidas pela vida moderna não conseguem (...) destruir o seu âmago” (p.11) poder-se-á concluir que alguns fundamentos destas práticas permaneceram ao longo do tempo até aos dias de hoje.

A existência da praxe foi mesmo motivo de fortes condenações desde muito cedo, tendo-se assistido a duas longas paragens durante o século XX (1910-1919 e 1969-1979). A polémica instala-se com o surgimento do Código da Praxe Académica de Coimbra (Andrade & Barros, 1957), em que as práticas antiquadas de recepção ao caloiro começaram a ser vistas como violentas e o debate chega aos meios de comunicação, em que uns defendiam a tradição académica e outros criticavam a praxe por assentar em moldes de tradição estáticos e vários autores escrevem repudiando o carácter de obrigatoriedade das suas práticas. Segundo o mesmo autor, na curva da década de cinquenta para a década de sessenta do século XX, o ambiente académico coimbrão começa a afastar-se de certas formas tradicionais de integração estudantil, sendo que este processo acompanha a renovação política, moral e cultural da época.

Em Coimbra, a contestação às formas tradicionais de integração estudantil foi efetuado num primeiro momento com a introdução do sindicalismo estudantil e num segundo momento a seguir à “crise de 69”, o abandono desta visão tradicional veio acompanhado de uma nova imagem estudantil fruto das mudanças sociais da época, o corpo estudantil deixa de pensar e agir de acordo com usos e costumes retrógradas (Cardina, 2008, p.128).

A abolição da praxe foi “sutil mas progressiva”, (Lamy, 1990, p.381), mas em 1978 uma manifestação pela restauração da Queima das Fitas, na cidade do Porto, levou a que os estudantes de Coimbra pretendessem o seu ressurgimento, e assim foi em 1979.

Note-se as várias tentativas de abolição da praxe pelos seus fundamentos retrógradas e estáticos. No entanto, a força da tradição fez ressurgir-la, embora a sua essência não parece ter mudado. Nem

mesmo com a implementação do Código da Praxe Académica de Coimbra em 1957 nem com a sua revisão em 1993, assistindo-se atualmente a um resultado dessas mesmas práticas do passado.

Os rituais da praxe académica desnudam muitos dos aspectos caracterizadores das relações de poder na praxe académica. Rituais de iniciação, de purificação, de passagem, de elevação de status, de agregação, contaminam essas mesmas práticas (Fávero, Pinto, Machado & Del Campo, 2015).

Segundo Revez (1999), atualmente alguns ritos são manipulados e funcionam como “desculpa” ou pretexto, ou seja, sublima-se a sua carga simbólica camuflando interesses económicos, como é caso da queima das fitas e do cortejo académico. A praxe e os seus ritos são a celebração de uma etapa de um ciclo, neste caso, o ciclo da vida estudantil, cuja entrada na universidade é uma etapa decisiva. Os momentos de passagem como a entrada na universidade são marcados cerimonialmente e sujeitos a uma reprodução ritual que incorpora o rito como uma valência intrínseca. Todavia, segundo Revez (1999), os ritos de passagem que a praxe desencadeia nem sempre se inscrevem numa facilitada ponte para um novo estágio vivencial, como deveria ser. Pelo contrário, muitas vezes a oferta de violência e de humilhação, e a incultação da obediência, passividade e conformismo, agridem, dramatizam e dificultam a integração e a passagem para o novo capítulo da vida, enfatizando os rituais como representação negativa da praxe.

Existem as praxes iniciais, realizadas nos dias de matrícula na universidade, e na praxe do curso através do corte de cabelo, pinturas, danças, marchas, jogos. Existem também as praxes como os ritos de agregação, como beber vinho, entoar cânticos, o grito académico, os ritos de admissão como o batismo e a escolha dos padrinhos e o jantar de curso (Revez, 1999).

As praxes conimbricenses comportam desde tempos imemoriais uma forte componente ligada ao riso, à sátira e ao burlesco, as práticas iniciais comportavam um elevado grau de violência e de despersonalização. Entre estas práticas e rituais iniciáticos encontram-se a “picaria”, onde os caloiros são enfreitados, a “tourada”, em que os

caloiros são toureados, os insultos, onde o caloiro é alvo de troças referentes a traços fisionômicos, penteado, defeitos físicos, o “batismo”, onde o caloiro é conduzido a um chafariz e lhe é despejada água em cima da cabeça; o canelão”, onde simulavam uma descida aos infernos, o julgamento, inserido num cenário macabro onde o caloiro era torturado com sovas, depilação, a patente, em que teriam de pagar comida ou bebida aos veteranos, os serviços domésticos, onde os caloiros eram mobilizados para compras, limpezas domésticas, recados, transporte de bagagens, etc. A partir do século XIX, como já referido, estas práticas sofreram evoluções, no entanto, as hierarquias foram mantidas, bem como a separação dos sexos (Revez, 1999).

A Academia de Coimbra ao longo do tempo retoma muitas destas práticas, não deixando de incorporar novas práticas. “Mãe” de todas as praxes, inspiradora e referência, a praxe Coimbrã é a mais antiga e mais formal de todas as praxes, também é a que mais polémicas suscitou e aquela onde se pode identificar aspectos de violência física e simbólica (Nunes, 2004).

A discussão violência e moralidade da praxe já é antiga, desde tempos muito longínquos a praxe tem sido motivo de acesas polémicas (Prata, 1993). Desde muito cedo que certas práticas incluídas na Praxe Académica são percecionadas como violentas e humilhantes, para comprová-lo iremos fazer uma pequena reflexão histórica que o conta. As Investidas, eram práticas realizadas, que incluíam troças, insultos e humilhação aos chamados caloiros, desde aí relatos como o de Teófilo Braga diziam que a falta de frequência universitária se devia à prática das investidas (Lamy, 1990); Luís António Verney é implacável na sua crítica às investidas, referindo que “seria bom que nessa sua universidade se desse um rigoroso castigo, ainda de morte, aos que injustamente acometem os novatos” (Lamy 1990, p.371).

No entanto, não podemos falar deste fenómeno sem falar de grupo. A natureza das relações grupais diz muito acerca da agressão, algo que está intrínseco, quanto mais sentida for a coesão, mais se desencadearão atos de agressão ou violência (Revez, 1999), ou seja, o grupo tem mais probabilidades de gerar comportamentos violentos do que o indivíduo isolado, ainda que quanto maior for o grupo existe

mais tendência a impor o autoritarismo e a violência, “fenómenos” que se verificam na praxe.

Parece-nos clara a existência de correlação entre poder, agressão e violência, conceitos intrínsecos nas práticas da praxe académica, pode assim perceber-se quais os princípios pelos quais se rege e comprovar que as suas práticas obsoletas se correlacionam com práticas de coerção e submissão e de relações de poder (Almeida, 2011; Almeida & Queda, 2006). Tavares, 2007).

Atualmente é possível comprovar a existência de violência na praxe, através de estudos científicos. Em Portugal num estudo realizado no Observatório da Sexualidade verificou-se que 77.8% foram vítimas, 86.9% assistiram a violência sobre os/as colegas caloiros e 39.8% admitiu ter tido comportamentos violentos enquanto praxista. Acontecimentos recentes vindo à público nos meios de comunicação revelam a extensão do problema (e.g. tragédia do Meco-Sic Notícias; Almeida, 2015).

MF, DB & VG (Marisalva Fávero, Daniela Barreiros e Valéria Gomes)

Referências

- Almeida, M. (2015, dezembro). *Praxes abusivas: 80 queixas após caso do Meco*. Observador. Retrieved from <https://observador.pt/2015/12/15/praxes-abusivas-80-queixas-apos-caso-do-meco/>
- Almeida JR., A. (2011). *Anatomia do trote universitário*. São Paulo: Hucitec.
- Almeida JR. A., & Queda, O. (2006). *Universidade, preconceitos e trote*. São Paulo: Hucitec.
- Andrade, M., & Barros, V. D (1957). *Código da Praxe Acadêmica de Coimbra*. Coimbra: UCoimbra.
- Cardina, M. (2008). Memórias Incômodas e rasuras do tempo: Movimentos estudantis e praxe acadêmica no declínio do Estado Novo. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 81, 111-131.
- Código da Praxe Acadêmica de Coimbra (1993). Edição revista por Pedro Cabral com a colaboração da Comissão Permanente do Conselho de Veteranos: Fernando Gomes e Carlos Ribeiro.
- Cruzeiro, Ed. (1979). Costumes estudantis de Coimbra no século XIX: tradição e conservação institucional. *Análise Social*, 15, 795-838.
- Fávero, M., Pinto, S., Machado, F., & Del Campo, A. (2015). Hazing Violence: Practices of domination and coercion in hazing in Portugal. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(11), 1-22.
- Lamy, A. S. (1990). *A Academia de Coimbra*. Lisboa: Rei dos Livros.
- Nunes, A. M. (2004). As praxes académicas de Coimbra, uma interpelação histórico-antropológica. *Cadernos do Noroeste*, 22 (1-2), 133-149.

Prata, M. (1993). A praxe na Academia de Coimbra: das práticas às representações. *Revista História das Ideias*, 15, 61-176.

Revez, A. (1999). *Dura Praxis, sed Praxis: relações de poder e moral na praxe académica na universidade de Évora*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora, Évora.

Tavares, D. (2007). Diálogos sobre o vivido: Histórias de praxe, fragmentos da vida associativa e da sociabilidade estudantis. *Educação, Sociedade & Culturas*, 24, 163-192.

Zuin, A. A. S. (2002). *O Trote na Universidade: Passagens de um rito de iniciação*. São Paulo: Cortez Editora.

Zuin, A. A. S. (2011). Trote universitário como violência espetacular. *Educação & Realidade*, 36 (2), 587-604.